

O CONSTRUTO DA CRIAÇÃO: GÊNESIS 1.1 E A ORIGEM PÓS-ORIGEM

Felipe Soares Forti¹

RESUMO

O artigo a seguir apresenta algumas dificuldades geradas pela tradução e interpretação de Gênesis 1.1 como uma oração coordenada (como a natureza da palavra ²תִּשְׁאָר *reshit*³ e sua forma construto ao longo do Antigo Testamento, além do merisma “céus e terra” junto da problemática do versículo 2) e apresenta a tradução e interpretação do texto como uma oração subordinada como uma solução a esses problemas. Para isso, a relevância das regras de hebraico descobertas por Robert D. Holmstedt serão consideradas, visto que elas têm direta relação com orações subordinadas adjetivas restritivas na língua hebraica. Após isso, as implicações teológicas serão apresentadas junto de possíveis objeções.

PALAVRAS-CHAVE

Gênesis. Exegese. Robert D. Holmstedt.

¹ Mestre em Educação, Arte e História da Cultura (2025) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bacharel em Teologia (2022) pela UPM, licenciado em Filosofia (2018) pela UPM e bacharel em Design Gráfico (2012) pela FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas. Trabalha como Designer Gráfico na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Em algumas expressões grafadas em hebraico, devido à formatação, os caracteres ficaram invertidos.

³ Todo o texto hebraico foi retirado de BibleHub (s.d.).

INTRODUÇÃO

Em sua tese de doutorado, Robert D. Holmstedt fez uma importante descoberta a respeito da formação de orações subordinadas adjetivas⁴ restritivas na língua hebraica. Ao aplicar suas regras no texto de Gênesis 1.1, Holmstedt percebeu que o texto não poderia ser entendido como uma oração coordenada, na qual “No princípio Deus criou os céus e a terra” é uma ideia completa e independe de outras informações. Ao invés disso, Holmstedt argumenta que esse versículo depende da ideia circunstancial do segundo versículo (HOLMSTEDT, 2008).

A descoberta de Holmstedt não só afeta o entendimento comum de Gênesis 1.1 como uma oração coordenada, como também responde uma série de questões sobre o texto que já eram conhecidas, mas não totalmente compreendidas. Questões relacionadas ao uso da palavra *reshit* תְּשִׁיט ao longo da Bíblia, bem como as informações de pano de fundo que foram reconhecidas ao longo do século XX a respeito do contexto histórico-cultural do antigo Oriente Próximo encontram uma possível resposta na descoberta de Holmstedt e, por isso, essa descoberta não pode ser ignorada.

⁴ Ao longo do texto os diferentes tipos de “oração” serão abordados. É importante ressaltar que cada conceito vem de seu equivalente em inglês: “Oração subordinada” vem de “dependente clause”, “oração coordenada” vem de “independente clause”, “oração subordinada adjetiva” vem de “relative clause” e “oração subordinada adjetiva restritiva” vem de “restrictive relative clause”.

AS PALAVRAS MUDAM TUDO

No artigo a seguir, é pretendido que se exponha essas questões acerca do texto de Gênesis 1 que já eram conhecidas, assim como explicar as regras descobertas por Holmstedt e sua aplicação ao primeiro versículo da Bíblia. Além disso, ao final serão consideradas as consequências dessas ideias para a teologia contemporânea. A primeira questão importante diz respeito à natureza da palavra תִּשְׁאָר *reshit*. Como ela aparece no restante da Bíblia? Como ela aparece com a preposição בְּ *be* (em בְּרֵאשִׁית *bereshit*)?

***(Be)reshit* – “Princípio” ou “período”?**

Uma das ideias popularizadas pela Bíblia de Estudos Scofield é a de que existe uma lacuna – potencialmente de bilhões de anos – entre os dois primeiros versículos de Gênesis (SCOFIELD, 2002, p. 973). Esta (que é chamada de “teoria da lacuna” ou “teoria do hiato”) ganhou bastante popularidade entre os conservadores do século XX (NOLL, 1995, p. 144). Essa interpretação é relativamente popular até mesmo hoje em dia.

A importância dessa interpretação popular para a discussão presente é o uso da palavra תִּשְׁאָר *reshit* que uma versão similar – porém, bem diferente – apresenta. Essa versão foi defendida por John Sailhamer em seu livro *Genesis Unbound*. Sailhamer observa que a expressão “princípio” comumente é usada para se referir a um

período inicial, não a um ponto inicial (SAILHAMER, 2011, p. 42). Sailhamer diz: “Na Bíblia, o termo [*reshit*] sempre se refere a uma duração de tempo indeterminada e extensa – *não* a um momento específico” (Ibid.). Para perceber isso, observe os seguintes textos:

O princípio [תִּשְׁאָר *reshit*] do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinar (Gn 10.10 ARA).

... mas a terra que passais a possuir é terra de montes e de vales; da chuva dos céus beberá as águas; terra de que cuida o Senhor, vosso Deus; os olhos do Senhor, vosso Deus, estão sobre ela continuamente, desde o princípio [תִּשְׁאָר *reshit*] até ao fim do ano (Dt 11.11-12 ARA).

O teu primeiro estado [תִּשְׁאָר *reshit*], na verdade, terá sido pequeno, mas o teu último crescerá sobremaneira (Jó 8.7 ARA).

No mesmo ano, no princípio [תִּשְׁאָר *reshit*] do reinado de Zedequias, rei de Judá, isto é, no ano quarto, no quinto mês, Hananias, filho de Azur e profeta de Gibeão, me falou na Casa do Senhor, na presença dos sacerdotes e de todo o povo, dizendo (Jr 28.1 ARA).

Nos exemplos citados acima, Sailhamer observa que em Gênesis 10.10 o autor usa “princípio” para falar do período inicial do reinado de Ninrode. Além disso, em Jó 8.7 ele fala do período inteiro da vida de Jó antes das aflições o atingirem (Ibid. p. 42-43). Em Jeremias 28.1, a narrativa segue o padrão do antigo Oriente Próximo. Sailhamer explica:

Quando a Bíblia fala dos reinados dos reis de Israel, a palavra *reshit* é usada em um sistema de contagem único. O primeiro período do reinado de um rei geralmente não era contado como parte da duração

oficial de seu reinado. Um período não especificado era permitido durante o qual o rei realmente reinava, mas não era oficialmente contado como parte de seu reinado. Depois desse período — qualquer que fosse sua duração — os anos do reinado do rei eram contados em ordem consecutiva (Ibid. p. 43).

Ele continua: “Em alguns casos bíblicos, ‘o princípio’ do reinado de um rei durou vários anos” (Ibid.).

Ora, a conclusão de Sailhamer é importante para Gênesis 1.1: se תִּשְׁאָר *reshit* se refere a um longo período, no qual o tempo não é especificado, então é possível que, antes dos sete dias de Gênesis tenha se passado um período longo de tempo. O que Sailhamer defende não é que há uma lacuna entre Gênesis 1.1 e 1.2, mas sim que o próprio termo תִּשְׁאָר *reshit* no primeiro versículo implica nesse período longo antes dos dias inaugurais.

Hashamayim ve'et Haaretz – O que encapsula os “céus e a terra”?

Um problema, entretanto, parece ser a expressão וְאֶת הָאָרֶץ וְהַשָּׁמַיִם *hashamayim ve'et haaretz*, que é traduzida para “os céus e a terra”. Essa expressão é reconhecida como um *merisma*, ou seja, ela engloba e encapsula em si mesma diversos elementos. No caso, ela resume em si tudo aquilo que é criado ao longo dos 6 dias de Gênesis 1. Como se sabe disso? Ashby Camp (2015, p. 43) aponta para três versículos principais:

Assim, pois, **foram acabados os céus e a terra** e todo o seu exército. (Gn 2.1 ARA)

... porque, **em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra**, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou. (Êx 20.11 ARA)

Entre mim e os filhos de Israel é sinal para sempre; porque, **em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra**, e, ao sétimo dia, descansou, e tomou alento. (Êx 31.17 ARA)

Note que esses textos apontam para os céus e a terra não como algo criado em um evento momentâneo único, mas como algo finalizado após seis dias. Camp diz:

Se [...] a frase “os céus e a terra” em Gênesis 1.1 for uma expressão (conhecida como um merisma) que significa *tudo, a totalidade da criação*, então a criação de Deus “no princípio” não pode estar restrita ao material e ao estado descrito no versículo 2. Ela necessariamente inclui todas as coisas criadas nos versículos 3-31, o que significa que o versículo tem a função de ser um encapsulamento introdutório que terá seus detalhes elaborados ao longo do capítulo. Portanto, todas as tentativas de separar Gênesis 1.1-2 da Semana de Criação são equivocadas (Ibid.)

A conclusão de Camp é a de que essa “totalidade” implica numa *creatio ex nihilo*, já que “céus e terra” incorpora todo o material e toda a forma da criação (Ibid.). Há, todavia, uma dificuldade nessa conclusão: se o primeiro versículo encapsula tudo o que será feito ao longo dos seis dias (como os versículos citados implicam), então como aquilo que “não é criado” no versículo 2 pode

se encaixar nisso tudo? Para entender melhor, o versículo 1 fala da totalidade daquilo que é criado ao longo dos seis dias, mas cada uma dessas coisas possui uma ação divina narrada (“que haja...”; “produza...”; “fez...”; “separou...”; “nomeou...” etc.). No versículo 2, aquilo que é descrito não “surge” na narrativa, mas apenas está lá: a terra sem forma e vazia, as águas caóticas e as trevas no abismo. Por que o autor não falou a respeito da criação dessas coisas?

Embora esse possa parecer um questionamento com uma solução simples (basta dizer que o autor não disse, mas é pressuposto), há um fator na narrativa que impede essa visão simples de estar certa: a problemática central de Gênesis 1.

A problemática de Gênesis 1: o que Deus foi fazer?

Até aqui apenas elementos de Gênesis 1.1 foram expostos: o “princípio” que se refere a um período; e “os céus e a terra” que se referem à totalidade da criação. A questão agora está no versículo 2: “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gn 1.2 ARA). Esse versículo começa com a letra *ו* *waw* que normalmente tem um papel conjuntivo na narrativa. Ou seja, ele funciona como o “e” do português: “... Deus criou os céus e a terra *e* [*ו* *waw*] a terra era sem forma e vazia...”. Esse seria o caso de Gênesis 1.1-2 se o *ו* *waw* estivesse na sua forma conjuntiva. Nesse caso, seria possível (e, pode-se dizer, talvez até mesmo necessário) concordar com

Sailhamer de que houve uma criação dos céus e da terra em um longo período antes dos seis dias. Contudo, como Camp observou, essa interpretação é difícil por conta do merisma em “os céus e a terra”.

Parece um enigma: por um lado, há razões gramaticais suficientes para se dizer que houve esse período antes dos seis dias: a palavra תִּשְׁאָר *reshit* e a conjunção ו *waw*; por outro lado, há uma dificuldade por conta da expressão “os céus e a terra”, que encapsulam todos os elementos criados ao longo dos seis dias. Se levarmos tudo em conta, fica parecendo que o texto diz: “Em um período anterior aos seis dias, Deus criou tudo o que criou os seis dias” – soa autocontraditório.

O problema aqui, porém, pode simplesmente ser de atribuição. *Reshit*, de fato, se refere a um período, mas não necessariamente a um período *antes* dos seis dias. Ora, se “os céus e a terra” se referem ao que foi feito nos seis dias, então תִּשְׁאָר *reshit* se refere justamente a esse período: os seis dias. Sailhamer mesmo diz (como apontado acima) que esse período não é especificado e, portanto, pode ser um simples resumo do período de seis dias. Mas e quanto ao ו *waw*? Ele não traz a ideia de continuidade narrativa, fazendo do versículo 1 algo anterior aos seis dias? Não necessariamente.

A letra ו *waw* pode aparecer como um sinal conjuntivo e, assim, uma frase é vista como a sequência da anterior. Contudo, o ו *waw* do texto é disjuntivo, pois está ligado a um não-verbo. O ו *waw*

só é conjuntivo quando se liga a um verbo. Isso implica que Gênesis 1.2 é uma oração circunstancial de Gênesis 1.1, não uma sequência. Edson Nunes diz: “Gênesis 1:2 é iniciado por uma oração disjuntiva que não progride com a narrativa de Gênesis 1. Na verdade, cada uma das três sentenças introduzidas pela conjunção *waw* faz uma declaração sobre o estado da terra anterior ao primeiro ato criativo de Deus” (NUNES, 2017, p. 17). E Babatunde Ogunlana diz que Gênesis 1.2 “é um comentário parentético que descreve a condição da Terra antes de Deus começar sua atividade de criação em Gênesis 1.3” (OGUNLANA, 2016, p. 97).

Aqui um novo detalhe surge: o versículo 2 é uma descrição circunstancial de como estava a terra *antes* da criação. Logo, o primeiro dia só começa, de fato, no versículo 3 com a frase “E disse Deus”. Isso está de acordo com a coerência textual do restante do capítulo, pois cada dia começa com a frase “E disse Deus”. Por conta de todos esses fatores, muitos estudiosos preferem tratar Gênesis 1.1 como um título que resume tudo o que ocorre no primeiro capítulo. Algo como: “No princípio (ou seja, ao longo de seis dias) criou Deus os céus e a terra [e foi assim que ele fez...]”. Essa é uma solução possível e é favorecida por uma série de fatores:

- I. Gênesis 1.1 fala de um período;
- II. Gênesis 1.1 fala de tudo o que foi feito ao longo desse período;

- III. Gênesis 1.2 fala das circunstâncias anteriores a esse período;
- IV. Esse período começa, de fato, apenas em Gênesis 1.3.

Tratar Gênesis 1.1 como um título soluciona todas as inconsistências até aqui: um título que resume o período e os objetos dos atos divinos desse período, o qual ocorre depois da circunstância apresentada. Estudiosos como John Walton (2009, p. 44; 2015, p. 27) e Bruce Waltke (2003, p. 67) são a favor dessa visão.

O fato dos seis dias se concentrarem em soluções para as circunstâncias de Gênesis 1.2 também favorece essa visão. Conrad Hyers (1984, p. 211b) observa que o texto do primeiro capítulo de Gênesis parece se concentrar na vitória de Yahweh sobre três problemas centrais que são apresentados no versículo 2: a terra sem forma e vazia, as águas caóticas e as trevas. No primeiro e no quarto dia, Deus traz ordem às trevas dando-lhe o nome de “noite”, separando-a da luz (o “dia”) e dando algo para dominá-la (a Lua, assim como o Sol domina o dia); no segundo e no quinto dia, Deus ordena as águas com o firmamento, a nomeação do firmamento (“céus”), a separação das águas superiores e inferiores e a criação dos animais voadores e marinhos; por fim, no terceiro e no sexto dia Deus soluciona o problema da terra sem forma e vazia, fazendo-a se ajuntar, nomeando-a (como “terra”), atribuindo a função de produzir a vegetação, criando os animais terrestres e os seres humanos. Em

outras palavras, enquanto os seis dias se concentram na ordenação da não-ordem apresentada no versículo circunstancial de Gênesis 1.2, o primeiro versículo do capítulo resume tudo isso: ao longo desses seis dias (“no princípio”), Deus ordenou o mundo (“criou Deus os céus e a terra”).

Embora tudo isso pareça ter sido solucionado, há dois problemas com a interpretação de Gênesis 1.1 como um título. Em primeiro lugar, como Sailhamer observa, títulos hebraicos consistem de frases simples e, no caso, seria algo como “A criação de Deus dos céus e da terra” ou “Esse é o relato de Deus criando os céus e a terra”; e, além disso, Gênesis 2.1 tem uma repetição das mesmas palavras de 1.1, fazendo com que, se 1.1 fosse um título que resume o capítulo, então 2.1 seria outro resumo em um espaço muito curto (SAILHAMER, 2011, p. 110-111). Há, contudo, um outro problema ainda mais profundo e é aqui que a contribuição de Holmstedt se faz importante.

De volta ao “princípio”

Uma das discussões que existe acerca da palavra תִּשְׁאָר *reshit* é se ela deve ser entendida como um substantivo no **absoluto** ou no **construto**. Segundo Page Kelley: “O estado absoluto singular é a forma na qual se encontram os substantivos listados nos dicionários e nas listas de vocábulos. O estado construto do substantivo representa uma redução da forma do absoluto.” (KELLEY, 1998, p.

85). A forma construto do substantivo faz o papel da preposição “de” no hebraico, a qual tem o propósito de juntar dois substantivos (Ibid.). Por exemplo, se o texto bíblico traduzido trouxer a frase “a casa do rei”, então provavelmente esse “do” não existe no hebraico, mas indica que o primeiro substantivo está em construto.

E תִּשְׁאָר *reshit*? Se for um substantivo no absoluto, então a tradução tradicional (“No princípio criou Deus os céus e a terra”) está correta, pois o absoluto fará da sentença uma oração coordenada. Por outro lado, se תִּשְׁאָר *reshit* estiver no construto, então uma tradução alternativa deve ser preferida (por exemplo: “Quando Deus começou a criar os céus e a terra...”). No período medieval, essa discussão já havia se iniciado, principalmente por conta de dois estudiosos judeus: Rashi e Ibn Ezra. Rashi escreveu, sobre Gênesis 1.1, o seguinte: “O texto não tem a intenção de apontar para uma ordem nos atos da Criação – afirmar que estes (o céu e a terra) foram criados primeiro” (RASHI, 2016?). Rashi entendia que תִּשְׁאָר *reshit* estava em construto e, por isso, o texto deve ser uma oração subordinada, que depende do segundo versículo para ter sua ideia completa. A mesma perspectiva está em Ibn Ezra, o qual escreveu: “Eu creio que בְּרֵאשִׁית *bereshit* está em construto” (IBN EZRA, 2016?).

Esses importantes comentaristas judeus não estão sozinhos. Atualmente, muitos estudiosos apontam que a tradução “No princípio” não é a mais adequada dada a gramática hebraica. Por

exemplo, Robert B. Coote e David R. Ord dizem que a tradução tradicional “está incorreta” (COOTE; ORD, 1991, p. 50). Eles apontam que isso é conhecido pelos historiadores, mas que os tradutores preferem manter a tradição (Ibid.). Não apenas eles, mas Jack Sasson diz que רֵאשִׁית *reshit* no estado construto em Gênesis 1.1 é algo “além de qualquer disputa” (SASSON, 1992, p. 187). Ben Stanhope observa que um crescente número de hebraístas vê essa opção como a mais correta diante do texto hebraico. Pessoas como Robert Alter, da Universidade da Califórnia; Martin Baasten, da Universidade de Leiden; Mark S. Smith, da Universidade de Nova Iorque e Princeton; Miles Van Pelt, do *Reformed Theological Seminary*; entre outros (cf. STANHOPE, 2020, p. 48-49). Além disso, a *Tanakh* (o Antigo Testamento) da *Jewish Publication Society* [Sociedade de Publicações Judaicas] traduz o texto para: “Quando Deus começou a criar o céu e a terra – a terra estava sem forma e vazia, com trevas sobre a face do abismo e o sopro de Deus pairando sobre as águas – Deus disse, ‘Haja luz’; e houve luz” (Gênesis 1.1-3 JPS). Ora, mas por que existe essa preferência entre esses estudiosos? Quatro importantes argumentos têm sido dados para essa conclusão:

Primeiro, o fato de בְּרֵאשִׁית *bereshit* não possuir o artigo definido parece indicar que o “no” de “no princípio” não deveria estar ali. A palavra רֵאשִׁית *reshit* está ligada à preposição *be*, que é traduzida por “em”. Por não possuir um artigo definido, ela indica algo não específico - no caso, um princípio indefinido. Se o texto

tivesse o artigo definido ה *ha* ele se juntaria à preposição ב *be* e seria *bareshit*. Stanhope diz que “não há nenhum manuscrito hebraico com os sinais vocálicos (chamados de textos Massoréticos) que marque Gênesis 1.1 com a palavra “no” (como em “no princípio”)” (STANHOPE, 2020, p. 48). Michael Heiser também observou: “A primeira palavra (בְּרֵאשִׁית *bereshit*) é, na verdade, um sintagma (uma preposição com um substantivo). De modo simples, não há artigo definido (a palavra *no*) em בְּרֵאשִׁית *bereshit*. Isso significa que devemos evitar usar a palavra *no* de nossas traduções” (HEISER, 2018, p. 172). Por conseguinte, a palavra é indefinida, o que indica um estado de construto. Esse único fato já faz com que Heiser use a tradução “Quando Deus começou a criar...” (Ibid.).

Em segundo lugar, não há nenhuma ocorrência de בְּרֵאשִׁית *bereshit* no absoluto no restante da Bíblia hebraica. O substantivo רֵאשִׁית *reshit* com a preposição ב *be* aparece apenas cinco vezes em todo o Antigo Testamento. Uma dessas é Gênesis 1.1, mas, em todas as outras (Jr 26.1; 27.1; 28.1 e 49.34) não há nenhuma ocorrência no absoluto.

Em terceiro lugar, o próprio substantivo רֵאשִׁית *reshit* (com ou sem a preposição *be*) aparece 51 vezes ao todo. *Reshit* pode não ocorrer como um substantivo temporal e, quando é o caso, ele é traduzido por “primeiros frutos”. Contudo, quando é um substantivo temporal, em quase todas as vezes ele está no estado construto (ex.: Gn 10.10; Dt 11.12; Ec 7.8; Sl 111.10; Pv 1.7). A única exceção é

Isaías 46.10, que diz: “desde o princípio [מְרֵאשִׁית *mereshit*] anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46.10 ARA). Essa passagem é importante, pois mostra מְרֵאשִׁית *reshit* sendo usado como um substantivo absoluto sem o artigo definido.

Apesar de ser uma passagem importante, usar ela como prova de que מְרֵאשִׁית *reshit* pode estar em absoluto mesmo sem artigo definido mostra uma fragilidade essencial ao aplicar a ideia a Gênesis 1.1: Isaías 46 é um texto poético, enquanto Gênesis 1 é uma prosa. Holmstedt explica que a natureza linguística de prosa bíblica faz com que se espere um artigo nas palavras que são definidas e que estão em estado absoluto (HOLMSTEDT, 2008, p. 58). Ademais, uma outra questão aparece: mesmo se Isaías 46.10 apresentar מְרֵאשִׁית *mereshit* no absoluto, como isso demonstraria que o מְרֵאשִׁית *reshit* de Gênesis 1.1 está no absoluto? Essa única exceção de מְרֵאשִׁית *reshit* não parece ser suficiente para entender Gênesis 1.1 como uma oração coordenada iniciada por um substantivo absoluto.

Uma razão final para o se entender מְרֵאשִׁית *reshit* em construto é que isso tornaria Gênesis 1.1 mais coerente com seu contexto histórico-cultural. Stanhope diz que essa abertura em oração subordinada “é típica (em um sentido genérico) quando comparado com outras narrativas de criação do contexto literário mesopotâmico antigo de Gênesis 1 [...]. (STANHOPE, 2020, p. 58). Nahum Sarna,

em seu comentário à *Torah*, diz que “esse era o estilo de abertura convencional para narrativas cosmológicas” (SARNA, 1989, p. 5). Ogunlana diz:

[...] outras histórias de criação, como a *Enuma Elish* (que começa com “quando o céu mais alto ainda não havia sido nomeado”), e o épico *Atrahasis* (que começa com “quando os deuses e não os homens”), e Gênesis 2.4b (que começa com “quando o Senhor Deus fez a terra e os céus”) possuem frases de início similares à Gênesis 1.1. (OGUNLANA, 2016, p. 95-96)

Por conseguinte, a probabilidade de רֵאשִׁית *reshit* estar no construto é maior do que a de estar em absoluto.

Há apenas duas objeções plausíveis contra essa conclusão: primeiro, é dito que o acento disjuntivo em בְּרֵאשִׁית *bereshit* implica que o substantivo se refere ao “princípio dos princípios” e, portanto, deve ser entendido como um princípio de todos os tempos com o substantivo em absoluto. O acento presente no substantivo בְּרֵאשִׁית *bereshit* de Gênesis 1.1 é chamado de *tiphcha*, que aparece como um pequeno traço diagonal abaixo da letra שׁ *shin*. Dois problemas surgem para essa objeção: em primeiro lugar, בְּרֵאשִׁית *bereshit* aparece em construto com outros acentos disjuntivos ao longo da Bíblia hebraica (ex.: Jr. 27.1; 28.1). Ou seja, a presença de um acento disjuntivo não invalida a possibilidade do estado construto. Além disso, em Gênesis 1.20 aparecem os substantivos שְׂרָץ *seres* e פְּנֵי *paneh*, ambos no construto e com o acento disjuntivo *tiphcha*. De

fato, de acordo com Holmstedt, das mais de 37.000 ocorrências do acento *tiphcha*, 3486 delas ocorrem em substantivos em construto (HOLMSTEDT, 2022, p. 8). Ou seja, essa objeção é infundada.

A segunda objeção é a seguinte: o fato de ראשית *reshit* ser seguido por um verbo finito (בָּרָא *bara*) é normalmente apontado como um fator de dificuldade para se interpretar ראשית *reshit* no construto, visto que a relação de construto ocorre entre substantivos (ex.: “O princípio *do* reinado...”). Apesar de ser um apontamento importante, Rashi já havia observado que essa estrutura construto-verbo existe em outras partes da Bíblia Hebraica (cf. Jr 26.1; Gn 10.10 e Dt 18.4) (RASHI, 2016?).

Robert Holmstedt e orações subordinadas adjetivas restritivas

Nesse ponto a descoberta de Holmstedt se faz importante, especialmente para entender a relação de construto fora da normalidade. Holmstedt descobriu duas novas regras da língua hebraica que não possuem nenhuma exceção no restante do Antigo Testamento e até mesmo em outras línguas semíticas (cf. HOLMSTEDT, 2002). A interpretação de Gênesis 1.1 como oração subordinada faz todo o sentido à luz dessas regras.

Para entendê-las, considere os seguintes versículos:

... a fim de que o Senhor, teu Deus, nos mostre o caminho [דֶּרֶךְ *derek*] *por onde* havemos de andar [הָלַךְ *halak*] e aquilo que havemos de fazer (Jr 42.3 ARA).

... ensina-lhes os estatutos e as leis e faze-lhes saber o caminho [דֶּרֶךְ *derek*] [em que] devem andar [הָלַךְ *halak*] e a obra que devem fazer (Êx 18.20 ARA).

Em Jeremias 42.3, as palavras “por onde” vêm do pronome relativo אֲשֶׁר *asher*, que liga o substantivo דֶּרֶךְ *derek* (“caminho”) ao verbo *halak* (“andar”). Agora, em Êxodo 18.20 é possível observar o mesmo substantivo e o mesmo verbo, דֶּרֶךְ *derek* e הָלַךְ *halak*. Todavia, o pronome relativo está oculto. Não existe o “em que” no hebraico. Isso mostra a existência de orações subordinadas adjetivas sem marcação (sem o pronome relativo) na língua hebraica, que será importante adiante.

Outro fator importante (e que tem total relação com a última objeção acima) vem da existência de substantivos em construto com orações subordinadas adjetivas inteiras. Holmstedt (2022, p. 6) dá dois exemplos disso:

... por todo o *tempo* em que a nuvem pairava sobre o tabernáculo, permaneciam acampados (Nm 9.18 ARA).

Não nos maltrataram, e, durante todo o tempo [em que] estivemos com eles nos campos, nada perdemos (1Sm 25.15 NVI).

Em Números 9.18, o substantivo יוֹם *yom* (“tempo”) está em construto com a oração subordinada adjetiva seguinte. Já em 1 Samuel 25.15, o mesmo acontece, mas o pronome relativo está oculto. Isso indica duas coisas: primeiro, um substantivo pode estar

em construto com uma oração subordinada adjetiva inteira; e, em segundo lugar, o substantivo pode estar em construto com a oração subordinada adjetiva, ainda que o pronome relativo esteja oculto.

Esses dois fatos levam às regras descobertas por Holmstedt e sua aplicação a Gênesis. Holmstedt observou que existem outros textos com estrutura parecida com a de Gênesis 1.1 no restante do Antigo Testamento (Os 1.2, Is 29.1, Lv 15.48, 1 Sm 15.15 e Jr 48.36). Ele aponta que, em todos esses casos, em que o substantivo em construto precede um verbo, ele “não está em construto com o próprio verbo, mas sim com a oração subordinada adjetiva sem marcação” (HOLMSTEDT, 2008, p. 60). De acordo com Holmstedt, isso permite uma “análise gramatical transparente de Gênesis 1.1” (Ibid.).

Holmstedt descobriu que, quando a cabeça de uma oração subordinada adjetiva está na forma construto, então a oração subordinada adjetiva sempre é restritiva (Ibid. p. 61). Além disso, ele também descobriu que as orações subordinadas adjetivas sem marcação são, de igual modo, sempre restritivas (Ibid. p. 62). Uma oração subordinada adjetiva restritiva é aquela que restringe o escopo do que está sendo dito. Por exemplo, considere essas três sentenças:

- a) “Os alunos irão mal na prova”;
- b) “Os alunos, que não estudaram, irão mal na prova”;

c) “Os alunos que não estudaram irão mal na prova”.

A sentença (a) declara que todos os alunos irão mal; a sentença (b) diz o mesmo, mas explica por que eles irão mal; por fim, a sentença (c) restringe o escopo, mostrando que não são todos os alunos, mas apenas os que não estudaram irão mal.

Identificar uma oração subordinada adjetiva restritiva no hebraico indica que a cabeça da sentença é relativa ao conteúdo exposto na oração subordinada adjetiva a qual ela está vinculada. De acordo com Holmstedt isso implica, em Gênesis 1.1, que

... o *reshit* especificado não é semanticamente absoluto, mas relativo ao evento fornecido pela oração subordinada adjetiva restritiva. Assim, qualquer tradução ou leitura semântica de uma tradução que identificaria *reshit* em Gênesis 1.1 como “o princípio” falharia em reconhecer o significado da sintaxe da oração subordinada adjetiva (Ibid. p. 63. Grifo do autor).

A tradução de Gênesis 1.1 como uma oração subordinada normalmente segue o mesmo tipo de padrão de Heiser e da JPS: “Quando Deus começou a criar os céus e a terra...”. Outras traduções para o inglês (como a *New Revised Standard Version Updated Edition* e a *Living Bible*) também iniciam o texto de Gênesis com “*When God began...*” [“Quando Deus começou...”], enquanto algumas (como a *New Revised Standard Version Catholic Edition*, a *New American Bible* e a *Good News Translation*) mesclam a tradução tradicional com a de oração subordinada, criando algo

como “*In the Beginning when God...*” [“No princípio, quando Deus...”]. A primeira opção também aparece na tradução de Robert Alter (1996, p. 3). Em português, a primeira opção aparece como uma nota de rodapé na Nova Versão Internacional (dos anos 2000) e na Nova Versão Transformadora (NVT). Já a segunda opção aparece como nota de rodapé também na Nova Versão Transformadora e na Versão Fácil de Ler (VFL). A última opção apresentada não abarca o sentido literal que a oração subordinada adjetiva restritiva de Gênesis requer. Por conta disso, Holmstedt apresenta uma tradução literal do texto que não apenas está de acordo com as regras descobertas, mas também responde a todos os questionamentos apresentados acima:

“No período inicial em que/no qual Deus criou os céus e a terra...” (HOLMSTEDT, 2008, p. 65).

“No princípio em que Deus ordenou os céus e a terra (a terra era sem forma e vazia, as trevas cobriam a face do abismo, e o vento de Deus pairava sobre as águas), Deus disse: “Que exista luz!” E a luz existiu.” (HOLMSTEDT, 2022, p. 14).

“No princípio específico em que Deus criou os céus e a terra, — ora, a terra era sem forma e vazia e havia trevas sobre a superfície do abismo e o vento de Deus pairava sobre a superfície das águas — Deus disse: “Haja luz!” Então houve luz” (HOLMSTEDT, 2002, p. 125).

É possível notar que Holmstedt manteve o “*no*” como se houvesse um artigo definido. Isso se deve, segundo ele, à natureza desse “princípio” que é delimitado pelos eventos a que ele se refere

(HOLMSTEDT, 2022, p. 14). Ou seja, é “o princípio”, mas é aquele “em que Deus criou/ordenou os céus e a terra”, não *O Princípio* de todas as coisas. Além disso, na primeira versão citada, Holmstedt preferiu usar “período inicial” ao invés de “princípio”. Apesar disso, o “em que” das outras versões ainda traz a ideia de período. Segundo Walton, “período inicial” ou “período inaugural” são traduções que captam a própria essência do substantivo רֵאשִׁית *reshit* (WALTON, 2009, p. 44; WALTON, 2015, p. 27). Por fim, a identificação do pronome relativo oculto (“em que” / “no qual”) coloca os “céus e a terra” como tudo aquilo que foi criado nesse período, de modo a fazer o primeiro versículo de Gênesis uma descrição daquilo que Deus foi fazer nesse período específico em uma terra sem forma e vazia, com trevas e águas. Essas traduções literais possuem um alcance explicativo muito grande para serem parte de uma opção ignorada:

- (i) Elas estão de acordo com a natureza de períodos que רֵאשִׁית *reshit* apresenta no restante da Bíblia;
- (ii) Elas ecoam a ideia de Êxodo 20.11, Gênesis 2.1 e 2.3 de que “céus e terra” foram criados ao longo de seis dias e não em um instante;
- (iii) Elas levam em conta a forma construto de רֵאשִׁית *reshit* como ocorre no restante da Bíblia hebraica;
- (iv) Elas respeitam a natureza circunstancial parentética do versículo 2;

- (v) Elas estão de acordo com regras de hebraico conhecidas;
- (vi) Elas estão de acordo com o panorama cognitivo do antigo Oriente Próximo, contexto dos autores e leitores primários do Antigo Testamento, visto que outros textos de criação iniciam com clausulas dependentes seguidas de circunstanciais.

Todas as características “problemáticas” da tradução tradicional e do entendimento de Gênesis 1.1 como um título são resolvidas com essa alternativa. É relevante, portanto, que as descobertas de Holmstedt sejam consideradas nas traduções do primeiro capítulo do texto bíblico.

OBJEÇÕES

Apesar de Holmstedt apresentar um bom argumento, algumas objeções teológicas podem ser levantadas contra essa mudança drástica na tradução de um texto tão conhecido. Primeiro, alguns podem apontar para a Septuaginta como uma demonstração de que os judeus antigos não entendiam o texto dessa forma. Em segundo lugar, pode ser apontado que João interpretou o texto como uma oração coordenada, mostrando essa interpretação em João 1.1. Em terceiro lugar, pode ser argumentado que esse entendimento

viola a doutrina da *creatio ex nihilo*, pois a terra já existiria sem forma e vazia. Por fim, pode ser argumentado que essa alternativa não foi percebida pela Igreja cristã em 2.000 anos e, portanto, é altamente improvável.

Quanto à primeira objeção, é importante notar que a Septuaginta não traz sempre uma tradução adequada do texto hebraico. Por exemplo, Walton observa que a tradução de תּוֹרָה *torah* para o grego νόμος *nomos* é uma escolha feita por causa do pensamento do Judaísmo do Segundo Templo, que via תּוֹרָה *torah* como uma lista de mandamentos morais ao invés de sabedoria legal (WALTON, 2019, p. 219). Além disso, no próprio Gênesis os números das idades nas genealogias da Septuaginta são diferentes dos números no texto Massorético hebraico (HENRY; DYKE, 2016, p. 144-145). Ademais, Holmstedt aponta que o texto da Septuaginta também não apresenta um artigo definido no texto grego (“Ἐν ἀρχῇ *en arché*”) e, portanto, o texto é, na melhor das hipóteses, ambíguo (HOLMSTEDT, 2008, p. 57; 2022, p. 3).

A segunda objeção está ligada à primeira, já que é possível que João estivesse interpretando a partir da Septuaginta. Duas respostas, no entanto, são possíveis: em primeiro lugar, é possível que nem sempre a exegese dos autores do Novo Testamento siga os mesmos padrões que o dos exegetas atuais. Walton (2019, p. 130) observa que existem diversas práticas dos autores neotestamentários que não parecem corretas à prática exegética contemporânea: o uso

de literatura apócrifa e helenística (como Paulo citando poetas e filósofos gregos ou Pedro citando Enoque); o uso constante da Septuaginta; a interpretação descontextualizada de várias passagens do Antigo Testamento (como, por exemplo, João 10.34 que interpreta o Salmo 82.6, ou Mateus 26.31 que interpreta Zacarias 13.7); o cumprimento de profecias em textos que não afirmam tal profecia (como Mateus 2.15 interpretando Oséias 11.1). Walton diz:

A razão pela qual não podemos imitar os métodos dos autores do Novo Testamento nessas áreas é porque não há controles suficientes para garantir os resultados. No final, isso ocorre porque as interpretações dos autores do Novo Testamento não derivam da hermenêutica. Isso é algo que precisamos desempacotar. [...]

A autoridade das declarações de Paulo não é derivada de sua hermenêutica, mas de sua inspiração apostólica. Hoje, somos obrigados a usar princípios hermenêuticos para validar nossas interpretações porque não somos inspirados. A autoridade de Paulo deriva de seu status apostólico, mas em nosso caso, qualquer autoridade que tenhamos deriva da integridade de nosso método. Princípios hermenêuticos sólidos são essenciais para colocar restrições necessárias sobre nós como intérpretes porque não temos autoridade. Se todos fôssemos inspirados, não precisaríamos de hermenêutica. O que torna os autores do Novo Testamento diferentes de nós é que eles *são* inspirados; nós não (Ibid. p. 130-131).

Apesar de essa não ser uma resposta satisfatória para todos, é uma possibilidade. Também é possível que João esteja citando Provérbios 8.23, já que a expressão *ἐν ἀρχῇ en arché* também está

presente na tradução grega desse texto. Evidência adicional do uso de Provérbios por parte de João vem da frase seguinte de Provérbios 8.23, *πρὸ τοῦ τὴν γῆν ποιῆσαι pro tou ten gen poiesai* (“... antes do começo da terra”) que é similar a *πρὸ τοῦ τὸν κόσμον εἶναι pro tou ton kosmon einai* (“... antes que houvesse mundo”) de João 17.5. De todo modo, sendo um equívoco hermenêutico de João ou uma referência a Provérbios, a interpretação de Gênesis 1.1 como uma oração subordinada continua uma possibilidade gramatical provável.

A terceira objeção é verdadeira: se Gênesis 1.1 for uma oração subordinada, então o texto não fala *do* princípio de todas as coisas, mas sim de um princípio em particular a partir do qual Deus ordenou os céus e a terra, mas a terra já existia sem forma e vazia. Essa é uma implicação da interpretação de Gênesis 1.1 como um título também. Joshua Wilson percebe essa implicação e diz:

Essa mudança na tradução claramente causa uma mudança de interpretação: Gênesis 1.1 não é mais o primeiro ato de criação. Ao invés disso, Gênesis 1.1, junto com 1.2, descrevem o contexto em que o primeiro ato de criação ocorre: a criação da luz em Gênesis 1.3. De acordo com essa interpretação, portanto, os elementos de Gênesis 1.2 já estão presentes antes de Deus começar a criar (WILSON, 2018, p. 2).

Esse pode ser um ponto teológico caro, mas isso não invalida uma análise exegética. Ademais, a doutrina de *creatio ex nihilo* pode ser encontrada em outros textos bíblicos, como João 1.1-3 e Colossenses 1.16. Como Walton diz:

... quando Deus cria o universo material (e é ele quem o fez), ele o faz *ex nihilo*. A doutrina do *ex nihilo* vem de João 1.3 e Colossenses 1.16, não de Gênesis 1. Em ambas essas passagens do Novo Testamento, a ênfase é na autoridade e no status do Filho de Deus e não nos objetos criados. Em outras palavras, a criação *ex nihilo* ainda faz sentido teologicamente [...] mas, literariamente, não está em discussão em Gênesis 1 (WALTON, 2015, p. 33-34).

Com isso, pode-se ir à última objeção, que fala da ausência dessa interpretação nos 2.000 anos de Igreja. Embora esse seja um ponto relevante também, ele não pode ser usado para invalidar uma exegese. Três motivos podem ser apontados para isso: primeiro, o hebraico bíblico é uma língua morta e, portanto, não é de se estranhar que novas regras sejam descobertas. Ora, boa parte dos Pais da Igreja não conhecia hebraico, o que pode ter favorecido um conhecimento tradicional equivocado. Em segundo lugar, o conhecimento atual do antigo Oriente Próximo é muito maior do que o dos Pais da Igreja, o que favorece um entendimento melhor do contexto que moldou a língua hebraica e o pensamento dos autores. Isso leva ao último ponto: se essa interpretação estiver mais de acordo com o pensamento dos autores e da audiência primária, então ela é a interpretação mais antiga. O contexto histórico-cultural do antigo Oriente Próximo está a favor dessa interpretação, pois, como citado acima a partir de Stanhope, Sarna e Ogunlana, a abertura de textos de criação com orações subordinadas era algo típico do mundo antigo. Além disso, embora comum ao longo da exegese cristã, no

mundo antigo não existia o conceito de “criação a partir do nada” (COOTE; ORD, 1991, p. 5). Maren R. Niehoff aponta que a exegese de *creatio ex nihilo* só aparece explicitamente em *Genesis Rabbah*, um comentário da Torá escrito no início da era cristã, onde os autores já haviam tido contato com a exegese dos cristãos (NIEHOFF, 2006, p. 44-45). Essa interpretação (do *creatio ex nihilo*) não é encontrada nos textos do judaísmo do período do Segundo Templo (Ibid.). De fato, como Hyers observa, a ênfase dos textos de origem (as cosmogonias) está “no estabelecimento de ordem (cosmos), e na manutenção dessa ordem” (HYERS, 1984, p. 211a). Peter Enns também aponta que os israelitas do mundo antigo não tinham a ideia de criação material a partir do nada, mas colocam o foco da narrativa de Gênesis 1 no Deus de Israel como aquele que domina o caos, o que o deixa com um destaque teológico maior (ENNS, 2012, p. 45).

Isso parece estar de acordo com análises do verbo בָּרָא *bara* de Gênesis 1.1. Se רֵשִׁית *reshit* é o período de seis dias e “os céus e a terra” são todas as coisas criadas por Deus ao longo desses seis dias, então בָּרָא *bara* (“criar”) deve ter um sentido diferente de “criação material” e englobar todos os atos divinos ao longo do período. Ora, ao longo do primeiro capítulo, Deus nomeia, separa, ajunta e atribui funções às coisas. Logo, tudo isso engloba o conceito de “criar” do autor bíblico e sua audiência primária. Walton diz:

... no mundo antigo algo vinha a existir quando era separado como uma entidade distinta, recebia uma função e um nome. [...] Isso está em contraste gritante com a ontologia moderna, muito mais interessada no

que poderia ser chamado de estrutura ou substância dos objetos juntamente com suas propriedades físicas. [...] No antigo Oriente Próximo, algo não necessariamente existia apenas por ocupar espaço (WALTON, 2021, p. 179-180).

Esse aspecto funcional de בָּרָא *bara* está presente em outros textos bíblicos onde o objeto não é materialmente criado (cf. Êx 31.10; Sl 89.47; 102.18; 148.5; Is 41.19-20; 43.7; 45.18; 54.16; 65.18). Muitas vezes nem mesmo algo material é o objeto de בָּרָא *bara* (cf. Sl 51.10; 89.12; Is 45.7; 57.19). Walton diz: “não ocorre nenhum exemplo claro que demande uma perspectiva material para o verbo [בָּרָא *bara*], embora muitos sejam ambíguos. Em contraste, uma grande porcentagem dos contextos requer um entendimento funcional” (WALTON, 2009, p. 41).

Por conseguinte, por mais que uma interpretação de oração subordinada que negue a criação a partir do nada seja algo não visto ao longo da história da Igreja (embora esteja presente nos comentários judaicos de Rashi e Ibn Ezra) ela está de acordo com o panorama cognitivo do mundo antigo e, portanto, é mais provável que tenha sido a interpretação mais antiga dos judeus do texto bíblico.

Em suma, as quatro objeções citadas acima não parecem invalidar a exegese do texto que implica na interpretação de oração subordinada relativa restritiva de Gênesis 1.1. Talvez a mais relevante seja a que apela para João 1.1, mas as implicações teológicas disso ficam para outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo foi visto uma série de questões levantadas por conta do texto hebraico de Gênesis 1.1, tais como: a natureza de períodos na palavra רֵאשִׁית *reshit*; o encapsulamento dos objetos criados ao longo dos seis dias no merisma “céus e terra”; a problemática apresentada em Gênesis 1.2; e, por fim, a consistência de רֵאשִׁית *reshit* e בְּרֵאשִׁית *bereshit* estarem no construto ao invés do absoluto. Entender Gênesis 1.1 como uma oração subordinada relativa restritiva faz com que tudo isso faça sentido, enquanto a interpretação de 1.1 como uma oração coordenada deixa todas essas questões sem resposta. Por mais que 1.1 como oração subordinada tenha suas implicações teológicas, elas não são suficientes para invalidar a exegese. Entretanto, isso não encerra a discussão e novas investigações são necessárias.

Duas consequências teológicas devem ser apontadas com essa tradução e interpretação: (I) já foi mencionado que, embora não invalide a doutrina do *creatio ex nihilo* do Novo Testamento, ela invalida em Gênesis, o que faz com que a semana de Gênesis 1 seja algo posterior à criação do universo; (2) ligado ao primeiro ponto, se a Bíblia não diz *quando* o universo foi criado, então se torna impossível calcular a idade da criação com a Escritura, o que pode ter certa relevância para certas tradições teológicas e eclesiais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTER, Robert. **Genesis**: translation and commentary, Nova Iorque: W. W. Norton & Company, Inc, 1996.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2ª Ed., Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA Sagrada: Nova Versão Internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

BIBLEHUB, s.d. Disponível em: <https://biblehub.com/> - Acesso 20 de Mar. 2025

CAMP, Ashby. A Reply to Bruce Gordon's Biblical Critique of Young-Earth Creationism, **Answerd Research Journal**, Hebron, KY, v. 8, 28 de Jan. 2015, pp. 41-64. Disponível em: www.answersingenesis.org/arj/v8/reply-bruce-gordon-young-earth-creationism.pdf - Acesso 16 de Mar. 2025.

ENNS, Peter. **The evolution of Adam**: what the Bible does and doesn't say about human origins, Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2012.

HENRY, Hugh; DYKE, Daniel, **God of the gaps**: gaps in biblical genealogies make it impossible to calculate the date of creation, 2ª Ed., [s. l.], Mars Hill Center, 2016. Edição Kindle.

HEISER, Michael. **Brief insights on mastering Bible doctrine**: 80 expert insights on the Bible, explained in a single minute, Grand Rapids, MI: Zondervan, 2018a.

HOLMSTEDT, Robert D. **The relative clause in biblical Hebrew**: a linguistic analysis. 2002. Tese (Doutorado em Hebraico e Estudos Semíticos) – University of Wisconsin, Madison, 2002.

_____. The restrictive syntax of Genesis i 1. **Vetus Testamentum**, Leiden, v. 58, n. 1, Jan. 2008, pp. 56-67. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/holmstedt/Holmstedt_GenesisRelative_VT2008.pdf - Acesso 28 de fev. 2025.

_____. The syntax of Genesis 1:1-3. **Journal for Semitics**, Pretória, v. 31, n. 2, 2022.

HYERS, Conrad. “The Narrative Form of Genesis 1: Cosmogonic, Yes; Scientific, No”, **Journal of the American Scientific Affiliation**, Nova Hampshire, v. 36, n. 4, dez. 1984, p. 208-215.

IBN EZRA. **Ibn Ezra on Genesis 1.1**. 2016. Disponível em: https://www.sefaria.org/Ibn_Ezra_on_Genesis.1.1.2?lang=bi - Acesso 11 de Ago. 2022.

KELLEY, Page. **Hebraico bíblico**: uma gramática introdutória, 7ª Ed., São Leopoldo: Editora Sinodal, 1998.

NIEHOFF, Maren R. Creatio ex nihilo theology in Genesis Rabbah in light of christian exegeses. **Harvard Theological Review**, Cambridge, v. 99, n. 1, pp. 37-64, 09 de Jun. 2006. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0017816006001118 - Acesso 11 de Ago. 2021.

NOLL, Mark A. **The scandal of the evangelical mind**, Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1994. Edição ePub.

NUNES JÚNIOR, Edson Magalhães. **A terra em Gênesis 1-9**: uma leitura microscópica crítica da narrativa. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RASHI. **Rashi on Genesis 1:1**, 2016?. Disponível em: https://www.sefaria.org/Rashi_on_Genesis.1.1?lang=bi - Acesso 11 de Jul. 2021.

SARNA, Nahum M. **Genesis**: the traditional Hebrew text with new JPS translation – commentary by Nahum M. Sarna, Nova Iorque: The Jewish Publication Society, 1989.

SAILHAMER, John. **Genesis unbound**: A provocative new look at the creation account, 2ª Ed., Colorado Springs: Multnomah Books, 2011.

SCOFIELD study Bible III, Nova Iorque: Oxford University Press, 2002.

SARNA, Nahum M. **Genesis**: the traditional Hebrew text with new JPS translation – commentary by Nahum M. Sarna, Nova Iorque: The Jewish Publication Society, 1989.

SASSON, Jack M. "Time... to Begin.", In: FISHBANE, Michael; TOV, Emanuel; FIELDS, Weston (Eds). **Shacarei Talmon**: Studies in the Bible, Qumran, and the Ancient Near East Presented to Shemaryahu Talmon. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1992. Disponível em: <https://ir.vanderbilt.edu/handle/1803/3892?show=full> - Acesso 15 de Ago. 2022.

STANHOPE III, Ben, **(Mis)interpreting Genesis**: how the creation museum misunderstands the ancient near eastern context of the Bible, Monee Illinois: Scarab Press, 2020. Edição Kindle.

TANAKH. **JPS hebrew-english Tanakh**: the traditional Hebrew text and the new JPS translation, 2ª Ed., Filadelfia, PA: The Jewish Publication Society, 2000.

WALTKE, Bruce K. **Gênesis**: comentário, São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003.

WALTON, John. **O pensamento do antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento**: introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica, São Paulo: Vida Nova, 2021.

_____. **The lost world of Adam and Eve:** Genesis 2-3 and the human origins debate, Downers Grove: InterVarsity Press, 2015.

_____. **The lost world of Genesis one:** ancient cosmology and the origins debate, Downers Grove: InterVarsity Press, 2009.

_____. **The lost world of the Torah:** law as covenant and wisdom in ancient context, Downers Grove: Intervarsity Press, 2019.

WILSON, Joshua, Linguistic Traits of Hebrew Relator Nouns and Their Implications for Translating Genesis 1:1, **Answers Research Journal**, Hebron, KY, v. 11, pp. 1-21, 2018. Disponível em: www.answersingenesis.org/arj/v11/hebrew_relator_nouns - Acesso 16 de Mar. 2025.

ABSTRACT

The following article presents some difficulties generated by the translation and interpretation of Genesis 1.1 as a independent clause (such as the nature of the word רֵאשִׁית *reshit* and its construct form throughout the Old Testament, in addition to the merism “heavens and earth” together with the problematic of verse 2) and presents the translation and interpretation of the text as a dependent clause as a solution to these problems. To this end, the relevance of the Hebrew rules described by Robert D. Holmstedt will be considered, since they are directly related to restrictive relative clauses in the Hebrew language. After that, the theological implications will be presented together with possible objections.

KEYWORDS:

Genesis. Exegesis. Robert D. Holmstedt.